

DEBAIXO D'ÁGUA FLUTUAMOS ENTRE MUSGOS

Mostra de Audiovisual Experimental no Pará



FUNDAÇÃO
CULTURAL DO
ESTADO DO
PARÁ

PPG Artes
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA

DEBAIXO D'ÁGUA FLUTUAMOS ENTRE MUSGOS

Mostra de Audiovisual Experimental no Pará

UNDERWATER WE FLOAT AMONGST THE MOSS
Artists' moving image from the Brazilian Amazon

Museu da Imagem e do Som do Pará
Belém . 25 a 27 outubro . 2023



PPG **Artes**
Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA

Copyright © 2023
ISBN 978-65-88455-68-5

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)
Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Dra. Isis de Melo Molinari Antunes (Coordenadora)
Dra. Adriana Valente Azulay (Vice-Coordenadora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra (Coordenador)
Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
(Vice-Coordenadora)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito
Ana Cláudia do Amaral Leão (Coordenadoras)
Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ EDITORIAL

Prof^ª. Dr^ª. Maria dos Remédios de Brito (Presidente)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cláudia do Amaral Leão
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Flávia Mendes Sapucaí
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade
Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Giselle Guillhon Antunes Camargo
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva
(FBA, Universidade do Porto)

Prof^ª. Dr^ª. Laura Malosetti Costa
(IA, Universidade Nacional San Martin)

Prof^ª. Dr^ª. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral
(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof^ª. Dr^ª. Rejane Coutinho
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Prof^ª. Dr^ª. Valzeli Figueira Sampaio
(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Idealização do projeto: Danilo Baraúna

Organização: Danilo Baraúna, Orlando Maneschy e Maria
Christina Barbosa

Projeto Gráfico: Hosana Celeste Oliveira

Editoração Eletrônica: Hosana Celeste Oliveira

Capa: A iminência do lodo – as águas me atacam no
mesmo grau que as pedras (2012), de Luciana Magno

Revisão Textual: Hosana Celeste Oliveira, Danilo Baraúna,
Maria Christina Barbosa e Orlando Maneschy

Tradução: Danilo Baraúna

Revisão de tradução: London Proofreaders

Ficha Catalográfica: Larissa Silva

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da
UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente
externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de
pesquisa deste programa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA

D268

Debaixo d'água flutuamos entre musgos [recurso eletrônico] : mostra de
audiovisual experimental no Pará = Underwater we float amongst
the moss : artists' moving image from the Brazilian Amazon /
Organizadores: Organizadores: Danilo Baraúna, Orlando
Maneschy, Maria Christina Barbosa. — Belém: Programa de Pós-
Graduação em Artes / UFPA, 2023. — Dados eletrônicos (1 arquivo:
PDF).

Catálogo da mostra "Debaixo d'água flutuamos entre musgos"
realizada no Auditório Eneida de Moraes - Palacete Faciola, entre 25 e
27 de outubro de 2023, em Belém do Pará.

Modo de acesso: Internet
<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-68-5

1. Arte - Exposições - Pará. 2. Audiovisual - Pará. 3. Artistas -
Amazônia. 4. Amazônia. I. Baraúna, Danilo (org.). II. Maneschy, Orlando
(org.). III. Barbosa, Maria Christina (org.). IV. Título.

CDD 23. ed. – 707.4098115

DEBAIXO D'ÁGUA

FLUTUAMOS ENTRE MUSGOS

Mostra de Audiovisual Experimental no Pará

ORGANIZADORES

Danilo Baraúna
Orlando Maneschy
Maria Christina

- APRESENTAÇÃO -

A produção local na área audiovisual aponta para um - cada vez mais - largo horizonte onde se vislumbra, desde sempre, criação, expressão, identidade, fortalecimento de vínculos de afeto e pertencimento a este lugar, às conexões imprescindíveis com a dinâmica do viver na Amazônia. O olhar dos criadores/autores se amplia diante deste território de possibilidades, seja ele físico, geográfico ou subjetivo, o que nos faz pensar quão profícua e diversa é esta região e seus artistas. O projeto Debaixo d'água flutuamos entre musgos: mostra de audiovisual experimental no Pará, selecionado no edital PRÊMIO Mergulho FCP 2023, possui obras selecionadas na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, em pesquisa depositada no]Arquivo[Amazoniana, dentre outras participações especiais de pessoas convidadas a integrar a mostra, e nos conduz, e ao olhar, a um plano de criação que fala a nossa língua, e todos os seus acentos, com delicadezas e verdades, mas que também denuncia desmandos, e convida a refletir sobre o nosso próprio papel num mundo em crise, no qual a arte é uma das ferramentas a apontar de onde pode vir um movimento renovador e restaurador.

A arte fala, e é ouvida, e isso se torna possível ainda pela militância aguerrida, incansável e apaixonada de realizadores que se posicionam pelo afeto e pela justiça social, como Afonso Gallindo (1969-2023) cuja trajetória no audiovisual local e nacional, abriu caminhos e ajudou a solidificar a produção amazônica e paraense. Esta mostra é também dedicada à sua memória e à sua brava resistência.

Maria Christina



Se meu corpo move...

Minha pele estica e meu músculo contrai como se desviando do líquido que toma conta desse movimento. E sobrevivemos. Este projeto compreende sobrevivências, vivências e resistências. Desdobra-se no estar na Amazônia como força pulsante de afetos e criação de comunidades afetivas. Sobreviver, aqui longe de ser uma romantização de estados de precariedade, é resultado de ser afetado por algo e afetar uma existência que reside ao meu lado. É ato de resistência aos traumas e tumultos que compõem o estar nesse território de imensidão biodiversa que devora a experiência humana, mas vê-se ameaçado por parte desta presença. Para resistir mergulhamos, e trazemos conosco os musgos. Da superfície ao fundo, a existência estranha, úmida, escorregadia que se espalha pela fluidez da natureza torna-se sobrevivência outra. Ao pensarmos o mergulho - verbo e substantivo que nomeia este prêmio - como processo de imersão que requer de nosso corpo atitudes de adaptação rápidas para atingir um estado de resistência dentro e sobre a água, trazemos à tona obras em que táticas de sobrevivência, resistência ou reexistência se incorporam à territorialidade amazônica com o objetivo de discutir questões relacionadas a três conceitos principais: fluxo, afeto e memória. Os trabalhos aqui apresentados são, portanto, mergulhos de fluidez, afetividade e resistência na Amazônia paraense. Este projeto compreende uma mostra composta por três programas de exibição de audiovisuais experimentais produzidos por paraenses ou por artistas de outros estados do Brasil atuantes na região, entre os anos de 1978 e 2022, integrado por artistas convidados e obras presentes no]Arquivo[e no acervo da Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará.

O programa 1, intitulado 'Fluxo', traz à tona obras em que o corpo se estende para o ambiente, seja por meio de sua própria materialidade, em performances orientadas para a câmera, ou de índices de uma presença por trás da câmera, nos trabalhos de Allyster Fagundes, Breno Filo, Cláudia Leão, Coletivo Madeirista, Danielle Fonseca, Juliana Notari, Luciana Magno, Paula Sampaio, Paulo Meira, Roberta Carvalho e Roberto Evangelista. A paisagem se transmuta na fluidez do barco que se move na chuva, do corpo que imerge na água, toma sua superfície ou desafia

suas ondas e conta suas histórias, transmuta-se na fluidez de gênero, bem como a água torna-se também metáfora de denúncia da destruição de terras e populações locais.

No programa 2, intitulado 'Afeto', as obras desenvolvem essa abordagem por meio de uma prática de criação de intimidades afetivas entre corpos e ambientes em meio a explorações autobiográficas, místicas, de amor e identidade nos trabalhos de Allyster Fagundes, Ana Flávia Mendes e Companhia Moderno de Dança, Armando Queiroz, Danilo Baraúna, Denio Maués, Henrique Montagne, Jorane Castro, Juliano Bentes (SKYYSSIME), Maria Christina, Marise Maués, Rafael Bqueer, Rafael Matheus Moreira, Nay Jinknss, Orlando Maneschy, Tarcísio Gabriel, Toni Soares e Victor De La Rocque. Nesse sentido, figuras místicas como a sereia aparecem como possibilidade de abordar a fluidez de gêneros e sexualidades, conflitos do amor e identidades LGBTQIAPN+ que se desenvolvem; o afeto se desdobra em potencialidades de vida e morte, assim como na imaginação de territórios afetivos na Amazônia. Por outro lado, esses trabalhos desdobram-se também na aproximação do afeto em suas facetas de negatividade e revelação de intempéries da vida, nas contaminações entre corpo e o não-humano por meio do que é indesejável, bem como de um corpo que se entrega e é confrontado por práticas afetivas próprias da natureza.

O programa 3, intitulado 'Memória', reúne trabalhos em que o urbano e a memória de lugares se entrelaçam a histórias de vida, criticidade a colonialidades e retomada de lembranças coletivas, em obras de Acácio Sobral, Afonso Gallindo, Alberto Bitar, Ana Mendes, Danielle Fonseca, Flavya Mutran, Grupo Urucum, Keyla Sobral, Maria Christina, Mariano Klautau Filho, Maurício Igor, Nay Jinknss, Roberta Carvalho e Val Sampaio. Vislumbramos aqui a memória e o afeto pelo que já se foi, seja em contextos micro-políticos familiares ou no imaginário coletivo da região que compreende inclusive a história impressa na arquitetura da cidade de Belém. Ainda, a memória se inscreve no tempo dilatado da espera, na retomada a lugares de pertencimento que se transmutam no desconhecido e em narrativas intergeracionais que se entremeiam à cidade. Fluxo, afeto e memória se conectam no audiovisual experimental no Pará para esgarçar os limites de linguagem e compreender esse lugar por meio de suas vivências, histórias e intensidades criativas.

Danilo Baraúna
Orlando Maneschy

- Programa 1 -

Fluxo



Chuva, 2013, 2'42"

Cláudia Leão

O vídeo é parte do Projeto Navs e Paisagens: diário de bordo entre Belém e Chaves, realizado em 2013 com a bolsa de Pesquisa e Experimentação em Artes do então Instituto de Artes do Pará.



Sentido, 2005, 2'04"

Coletivo Madeirista

Um registro documental e artístico de performance realizada na várzea amazônica em tempo de cheia - baseada no texto "Da Natureza" de Alberto Lins Caldas.

Ressonar Insular, 2013, 4'21"

Breno Filo

Um mapa sentimental composto por fragmentos de imagens dinâmicas, coletadas em espaços de trânsito entre o centro e a região das ilhas de Belém do Pará. Fragmentos de um modo de vida transitório entre a amizade, o amor e a aliança com a paisagem da ilha de Cotijuba. Um convite para um pequeno paraíso necessário.



Eko Kahny, 2012, 1'06"

Luciana Magno

Eko Kahny realiza-se na imagem de uma mulher que, ao submergir nas profundezas de um rio amazônico em um aparente desaparecimento, versa sobre a transformação da energia e da matéria.



É preciso aprender a ficar submerso, 2011, 2'42"

Danielle Fonseca

Baseado no poema homônimo “É preciso aprender a ficar submerso”, de Alberto Pucheu, aliás o próprio Alberto fez a narração do vídeo durante a produção do filme “A Vaga”. Neste vídeo a criança ou o devir-criança tenta aprender a surfar e sem saber que está sendo filmada, me faz refletir a respeito de arte, vida, literatura e filosofia.





Ilha da autocontemplação, 2020, 2'36”

Allyster Fagundes

Em um mundo de ludicidade se encontra um ser encantado que repossua seu corpo híbrido, fragilizado pelas transformações que o levaram a sua real forma de ser encanto. Ao revelar sua identidade, percebe estar presa em uma ilha de pedras que evidenciam a metáfora de suas próprias dores. Ao ser consolada por uma enigmática criatura que conceitualmente representa o boto cor de rosa.



Ilha das sombras, 2020, 2'30”

Allyster Fagundes

A “Ilha das Sombras” é um vídeo autobiográfico que utiliza o mito da sereia como metáfora para expressar características psicológicas do autor/performer. A obra é baseada no Arquétipo da Sombra, uma das estruturas psíquicas presentes nos estudos de Carl Gustav Jung, sobre o inconsciente coletivo.



Cinema Líquido, 2020, 1'16”

Roberta Carvalho

Cinema Líquido traz uma confluência dos fluxos e das existências em movimento, a condição cinematográfica e imaterialidade da imagem de um corpo em movimento projetado sobre os fluxos dos rios. Mergulhar no rio é mergulhar na história. É reconhecer-se tal qual, água que somos.

Nossos passos fazem jorrar a sede, 2009, 2'55”

Danielle Fonseca

Videoarte parte da pesquisa “O Destino da Palavra é Tornar-se Água” (2009) livre inspiração no poema “Água” de Edmond Jabés (Cairo, Egito, 1912-Paris, 1991). “A areia brilha como a água na sede inextinguível”.



A.M.D.A, 2017, 11'47”

Paulo Meira

Um homem costura centenas de cabeças de peixe na confecção de uma corda. Outro homem, que nunca tem o rosto revelado, transporta cabeças de peixe em uma mala. Uma voz feminina tenta memorizar, citando nomes das ilhas que compõe a cidade de Belém. O eixo narrativo do vídeo A. M. D. A. é composto por costuras de acontecimentos, de tempos, personagens e paisagens.



Mimoso, 2014, 5'08”

Juliana Notari

Realizada na Ilha do Marajó, ao longo da videoperformance a artista é amarrada e arrastada pela areia da praia por um búfalo (chamado Mimoso). Ao saber que o búfalo seria castrado, a artista incorpora a castração do animal em sua performance. Após o procedimento, ela come seu testículo cru, transformando uma prática cotidiana local em ritual através da ação artística.





Árvore, 2015, 4'15”

Paula Sampaio

O vídeo faz parte de uma ação simbólica de “libertação de árvores aprisionadas” nas margens do lago de Tucuruí. Saiba mais em www.paulasampaio.com.br.



Mater Dolorosa - In memoriam II - Da criação e sobrevivência das formas, 1978, 11'11”

Roberto Evangelista

Centenas de cuias flutuam num igarapé. São organizadas dentro de certas formas. A obra é decurso e consumação do tempo. Trabalhando sob a orientação de um pajé, Evangelista investiga o pensamento cosmogônico e a resistência da forma natural, primeira e simbólica.

O percurso que me fez chegar ao EuDrag

- Allyster Fagundes -

Em uma jornada autobiográfica delimito meu caminho na arte durante meu processo de pesquisa e experimentação artística no Programa de Pós- Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará – PPGARTES UFPA. Tal vivência durante o mestrado se desdobrou em um intenso laboratório onde me apropriei de diferentes linguagens, meios, métodos e materiais.

Amparado pelos estudos da psicologia analítica junguiana e o conceito de persona, mergulhei em meu próprio universo, atrás de respostas que me fizessem entender a face que detém a feminilidade do meu próprio EU. Assim, foi criado o conceito EuDrag, como algo que faz parte da minha personalidade enquanto indivíduo e que pode ser expressada artisticamente. É o próprio EU que só pode ser acessado por meio de artifícios, artefatos e artimanhas, conceitos apresentados por Vilém Flusser em sua palestra, O Homem Enquanto Artífício.

Não se trata de um personagem ou mesmo da criação de um outro alguém que busca falsear sentimentos ao transmitir sensações em sua construção estética e performática, mas sim da libertação ou mesmo resgate do feminino colocado sobre a sombra, a cada ato de opressão que meu corpo recebeu enquanto criança afeminada. Tudo que procurei esconder do mundo durante muito tempo foi a força motriz que deu ao trabalho uma dimensão coletiva.

O conceito de sereismo é algo presente no processo criativo que se desdobrou na exposição “Revérbero”, composta por cinco vídeos experimentais, uma série de fotografias, objetos antigos e uma escultura em látex. No trabalho, o secular mito da sereia é usado como metáfora para falar sobre gênero e fluidez a partir da linguagem drag. Assim como a sereia pertence a dois mundos água e terra; a Drag é capaz de transitar entre o feminino e o masculino, a partir da performatividade do corpo.

- Programa 2 -

Afeto



Cenesthesia, 1988, 7'

Denio Maués, Jorane Castro
e Toni Soares

Sentimentos difusos. Névoa aflita que aflige a razão. Sentimento vago de verdade. Querer distorcido pela própria vontade de querer. Bem estar. Mal estar.



Sereia, da série Super Zentai, 2019, 4'

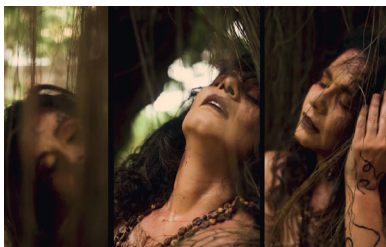
Rafael Bqueer

O vídeo apresenta uma ação da artista com uma roupa de zentai sereia, uma figura andrógena, híbrida e monstruosa, estética que Bqueer investiga nos últimos anos na sua vivência com a moda e com a cultura clubber. O signo da sereia ou lara faz parte do imaginário da Amazônia, coloca-la em uma piscina vazia e abandonada da ilha de Mosqueiro levanta questionamentos sobre fetiche, memória, crise ambiental, existencialismo e coreografia.

La Loba, 2019, 7'40"

Ana Flávia Mendes e Cia.
Moderno de Dança

O vídeo parte do arquétipo da mulher selvagem, mais especificamente do conto La Loba, para fazer um mergulho na psique feminina, imagetivamente tida como um cemitério, lugar em que habita a morte e de onde emerge a vida.



Revérbero, 2020, 6'

Allyster Fagundes

Em busca de revelações sobre as faces do seu próprio eu, uma Drag Queen se entrega aos mistérios que surgem em águas amazônicas, onde um espelho é portal para um refúgio de sereias.



Ilha das práticas, 2020, 4'29"

Allyster Fagundes

Entre erosões e acúmulos de memórias esquecidas no tempo, se encontra um ser encantado que revisa seu passado ao abrir gavetas empoeiradas que escondem nostálgicas recordações. Ao visitar acontecimentos antigos, ela se despede do seu antigo eu, para prosseguir sua jornada.





Retrato Suspensão, 2014, 2'48''

Danilo Baraúna

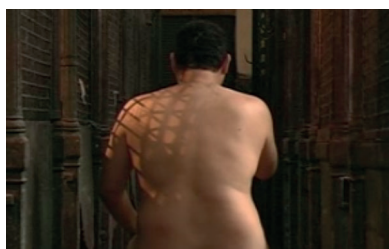
Experimentação do projeto “Narrativas mínimas de retroalimentação” em que ações performáticas mínimas para o vídeo discutem espaço e duração a partir da circularidade, repetição e espacialização da imagem. Neste vídeo inicia-se a pesquisa com materialidades extensoras do corpo metaforizando o envolvimento em corpo-espço e corpo-natureza.



Loess, 2015, 7'55''

Marise Maués

Performance, orientada para o vídeo, de longa duração, cujo corpo recebe maré de enchente e vazante. Loess pretende instigar a leitura do homem contemporâneo como um ser Loess, ou seja um ser passível de múltiplas identidades, um ser formado de camadas que se sobrepõem ao longo do tempo.



Fábula, 2007, 2'59''

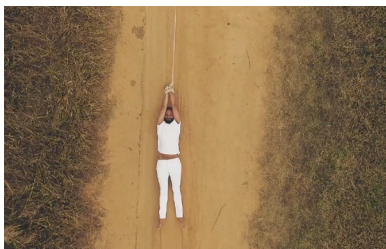
Armando Queiroz

Construído em um longo processo de acumulação de informações e sentidos, desde a observação da sonoridade distante de porcos sendo vendidos na feira do Ver-o-Peso. Visto como uma narrativa alegórica, onde os animais possuem características humanas, tal qual as fábulas tradicionais, seu desenlace talvez não contemple um ensinamento moral elevado, como seria esperado.

Retorno à ternura, 2018, 3'56"

Victor De La Rocque

Não podemos recorrer a nada, nenhuma tradição, nenhuma experiência. Estamos sozinhos diante da vida e das experiências que fazemos, e nessa solitária tentativa é fazer visível, ou ao menos sugerir, aquilo que sempre se soube. Não há muito o que esclarecer à sutileza.



Carta para Alice ou o nome da cidade, 2010, 4'

Maria Christina

Alice tem flores e muitas cores. Veem-se crianças brincando e correndo, bicicletas e triciclos em descidas de rampas, criaturas que parecem não se cansar do sol e do vento. E tudo continua quando a noite cai. Tudo está lá como se brotasse do chão ou de árvores. E não procure o cais onde você desembarcou. Ele não existe mais.



O estranho, 1995, 6'15"

Orlando Maneschy

Vídeo poema realizado a partir de livre interpretação do poema O estranho (1952), do poeta paraense Max Martins. O artista realiza uma narrativa que explora o tema da separação sob uma perspectiva gay. Faz parte de sua instalação no Caixa de Pandora, 1995. Foi o primeiro vídeo paraense a participar do Fextival Mix Brasil em 1995.





Esta noite eu me convidei para jantar, 2019, 3'58"

Henrique Montagne

Um homem decide se alimentar de um buquê de rosas vermelhas. Nesta obra de vídeo-performance, o artista utiliza de forma crítica uma ação em torno do amor romântico associados à heteronormatividade. Exibindo uma narrativa de construção de amor próprio, superação e independência.



Todos os dias, no intenso vermelho que toma meu quarto, eu deito e ardo em febre, 2020, 4'16"

Tarcísio Gabriel

A partir da convivência excessiva comigo mesmo e a iminência do vírus, construí este registro do meu corpo se tornando imagem durante a pandemia da COVID-19. Me vi ardendo, seja pelo calor das tardes amazônicas, seja pela febre, e filmei.

Encantarias Idílicas, 2022, 3'20"

Rafael Matheus Moreira

O Video, com a participação do multiartista Allyster Fagundes, se trata de uma reimaginação da mitologia brasileira para uma ocupação e materialização dos corpos LGBTQ+ no imaginário popular. As figuras complementares atravessam os universos através dos espelhos em busca do conforto de sua parte complementar.



Já fui mulher, 2020, 3'11"

Juliano Bentes (SKYYSSIME)

A performance é de dublagem, com a música “Mulher Eu Sei” de Chico César, na voz de Caio Prado, o poema “A Passagem das Horas” de Fernando Pessoa, na voz de Maria Bethânia, e trecho declamado da música “Marinheiro Só” de Clementina de Jesus, também na voz de Maria Bethânia.



O brega como empoderamento do paraense, 2019, 4'33"

Nay Jinknss

O brega como empoderamento do paraense é um vídeo que retrata moradores/trabalhadores do Mercado do Ver o Peso em seus momentos de lazer. Ritual de resistência que nos possibilita retomar e dar continuidade em nossa ancestralidade.



MANIFESTO

Do mar ao rio: gênese da fotografia brasileira

- Nay Jinkns -

Quando se fala sobre a gênese da fotografia brasileira;
Como surge e qual sua intenção ao retratar o Brasil, encontra-se o
olhar estrangeiro.

Um olhar embranquecido com o interesse de vender um imaginário;
De um país civilizado ou de uma Amazônia a ser conquistada.

Esta fotografia que foi vendida nos *carte de visite*;
Coisificou, objetificou, hipersexualizou e criminaliza até hoje corpos
negros – assim como o meu.

Corpos negros, corpos indígenas estão à margem.

Eu digo e repito:

Uma fotografia não vale mais que mil palavras

Uma imagem precisa ser - IDENTIFICADA!

A fotografia como arma imperialista, reforça por inúmeros caminhos
um lado da história

Uma estética racista, com privilégios e permanências de poder.

Por este motivo, é importante documentar o outro como alguém
que a gente ama

Com afeto e dignidade e não apenas em nome da “arte”.

Então, pensar em uma fotografia compartilhada é permitir que o outro

Que sempre esteve à frente da câmera como - alvo

Possa se expressar, para que não se torne refém

De histórias únicas.

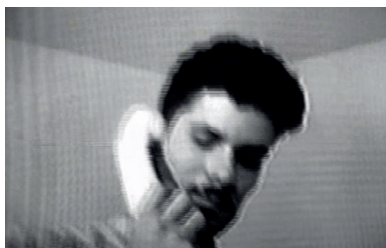
- Programa 3 -

Memória

Inútil Paisagem, 1994, 7'

Mariano Klautau Filho

Um homem em um quarto de hotel em algum canto do mundo. Ele está de passagem e à espera de um recado, um contato telefônico que pode mudar o seu trajeto. Não há diálogo, e sim os poemas No Lugar do Sangue e Estranho de Max Martins como eixo narrativo do vídeo.



Subindo a Serra, 2010, 3'05"

Maria Christina

Percorrer Serra do Navio é quase andar sem pisar no chão. E nem é mais o mesmo chão. Nem são mais as mesmas montanhas, ou o mesmo trem. Deixemo-nos envolver pela neblina que se desfaz nas primeiras horas da manhã, deslizando pelas lembranças impressas nas casas, no clube, na escola ou mercado.





Um céu partido ao meio, 2022, 16'32”

Danielle Fonseca

Filme inspirado nas casas de estilo arquitetônico intitulado Raio-que-o-parta, encontradas em Belém do Pará (BR). O filme além de apresentar um breve recorte de diversas casas com essa arquitetura, traz uma licença poética com a participação especial do ator Pascoal da Conceição, interpretando o escritor Mário de Andrade.



Sobre distâncias e incômodos e alguma tristeza, 2009, 6'15”

Alberto Bitar

O deixar para trás de um sítio impregnado de lembranças, sonhos, segredos ditos em sussurros ou revelados aos gritos, o abandono de um lugar onde a coleção de determinados objetos faz sentido e onde a arrumação e a escolha destes guardam o gosto e a memória de pessoas que já não estão presentes.

Entre Pombos, 2006, 3'14”

Acácio Sobral, Keyla Sobral e Roberta Carvalho

Constituído por fotografias antigas da família Sobral em uma praça de Portugal, recebem intervenções com desenhos de Acácio que destacam personagens e reconfiguram o espaço. Keyla Sobral e Roberta Carvalho adicionam ritmo no fluxo estabelecido na sequência das imagens familiares.



Minutos de Silêncio, 2005, 2'31”

Keyla Sobral e Roberta Carvalho
É um vídeo que retoma questões sobre patrimônio, memória e esquecimento na cidade de Belém, visando discutir sobre questões do redesenho urbano provenientes das demolições e do abandono. O vídeo conta ainda com a canção intitulada “Agora” de Arnaldo Antunes e a clássica sinfonia número 3 de Beethoven.



De uma Belém a outra, 2020, 4'50”

Maurício Igor

Neste trabalho, apresento os atravessamentos que meu corpo sentiu e ouviu durante experiência ao sair de Belém do Pará para ir a Belém de Lisboa, em Portugal. Assim, aborda aspectos da relação histórica e desdobramentos atuais entre os dois países e reflexões sobre monumentos públicos que homenageiam figuras colonialistas.





Eu não sabia que ia ser militar, 2021, 6'21”

Ana Mendes e Nay Jinknss

No ano de 1983 a aeronáutica brasileira recrutou 30 jovens quilombolas de Alcântara, no Maranhão, para o serviço militar. Os jovens compuseram as equipes de remoção que ajudou a deslocar compulsoriamente 312 famílias. Sérvulo Borges foi um desses meninos – hoje uma das principais lideranças na luta pela titulação do território étnico de Alcântara.



Catadores de Orvalho esperando a felicidade chegar, 2001, 5'03”

Grupo Urucum

Em Macapá, andorinhas pousam nas redes elétricas, na hora da felicidade, e dormem enquanto é produzido o orvalho. Passamos a noite velando o descanso dos pássaros [...] e procurando a melhor posição para acertar no alvo do penico a mira dos projéteis fisiológicos das andorinhas. Somos os “Catadores de orvalho esperando a felicidade chegar”.

Pretérito Imperfeito, 2004, 8'

Flavya Mutran

Trata de uma cidade imaginária baseada em fotos e fatos reais. Imagens de paisagens, cenas e retratos de personagens que reproduzem a memória afetiva de Belém em várias gerações, representadas em fragmentos de histórias inacabadas que fundam conceitos como recordar e esquecer.



Cuia, 1998, 1'

Afonso Gallindo

Protetores da floresta e da ancestralidade indígena passam fome, e isso é inadmissível! Diante de tal fato é necessário posicionamento e denúncia. Fazer “Cuia” foi um processo intenso e muito forte. No mesmo ano de produção ele correu o Brasil, competindo em mostras de vídeo no Maranhão, Vitória e Curitiba, e como convidado em mostra paralela no Rio de Janeiro.



Delírio, 1993, 4'19"

Val Sampaio

Narrativas paralelas de duas mulheres, uma jovem e uma adulta, numa edição em ritmo de vídeo clip apresenta fabulações entre realidade e sonho.



Água! Água!

- Danielle Fonseca -

- Água, gritava João Donato, entre uma nota e outra de seu piano, em seus shows. Água! Disse-me ele um dia, agora todo mundo que passa aqui na frente de casa, grita – Água, como um grito de alerta pra chamar minha atenção! – Acho um barato! João, cantor e compositor nascido no Acre, Amazônia, precursor da bossa nova, dizia ninguém vive sem música e água. E quem sou eu pra contrariar, aceitei esse fluxo em meus trabalhos desde o início nas pesquisas em videoarte. Uma memória de infância que se mistura com uma canção, um assobio, um lugar comum.

Nossos passos fazem jorrar a sede, é o trecho de um poema do poeta Edmond Jabés, traduzido por Max Martins, Jabés nasceu no Cairo, Egito, em 1912, exilado na França, em 1957, mas, sua referência ao deserto e sua sede em falar sobre vida e suas raízes estão em vários de seus poemas “Sempre a água pela água. Sempre água sobre água. Abundância.– O deserto foi minha terra. O deserto é minha viagem, minha errância...Nossos passos fazem jorrar a sede. Ausência. – Água do lago? – Água do rio? – Água do mar?”. O videoarte onde carrego uma caixa de correspondências com a placa gravada em aço Palavra e Água é minha carta à Jabés, um diálogo cheio de sede pra tentar entender essa troca entre literatura e arte, e da certeza de que o poeta dos desertos gostaria muito da poesia de Alberto Pucheu.

[Corte para o próximo vídeo]

É preciso aprender a ficar submerso tornou-se um poema-mantra pra mim, uma surpresa tão grande, que talvez eu não explique os dois minutos e quarenta e três segundos que marcam o vídeo. Esse vídeo é um trecho do filme A Vaga, média metragem, que realizei em 2010. Porém, a poesia tem às vezes vontade própria, e o *devir-criança* presente nesse vídeo é um *erê* brincalhão que só sai da água quando os dedinhos das mãos estão enrugados, cheios de água. Mesmo que pra isso tome alguns caldos, vacas, saia cansado com os pulmões encharcados. Pucheu me contou um dia que esse vídeo levou o poema dele com tanta vontade própria, que fez o próprio poeta mudar o título original que se chamou um dia “O dia em que Gottfried Been pegou onda”. Cheguei até a pedir desculpas mentais ao poeta alemão que dava nome ao poema original, “foi mal Gottfried, a água venceu, e sabes bem, com água não se luta, flutua-se”. Aprender a ficar submerso é sobre o surf, e é também sobre a arte, filosofia, vida.

Em 2022 Alberto Pucheu e Tarso de Melo lançaram o livro *Um mergulho e seu avesso*, nele há um ensaio e dois poemas, o próprio *É preciso aprender a ficar submerso* e “*É chegado o tempo de voltar à superfície*”, poema que nos traz de volta à tona, apesar dos pulmões encharcados, das veias explodidas, é hora de voltar a respirar, de um certo alívio, e quem sabe um pouco de esperança. Mas jamais sem água. Traga-me um copo d’água tenho sede, canta Gilberto Gil e isso é tão sério que nem cabe sorriso na letra da canção.

[Corte para um clarão inesperado, um raio talvez, antes da chuva, que também é água]

Um céu partido ao meio.

Em 2022 completou 100 anos da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em 1922. Recebi um convite do curador Raphael Fonseca para realizar um filme que falasse sobre o estilo arquitetônico do Raio-que-o-parta, estilo de arquitetura popular surgido no Estado do Pará entre as décadas de 50 e 60, onde os tais caquinhos de azulejos coloridos fazem parte das fachadas e platibandas de algumas casas no Pará, principalmente em Belém. O filme traz além das casas e seus moradores, mostra ainda por trás dos raios, terreiros de matriz africana. O documentário foi comissionado para a exposição *Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil* que refletiu sobre a noção de “arte moderna” no Brasil para além da década de 1920 e do protagonismo muitas vezes atribuído pela história da arte a São Paulo. E onde tem água nisso? Nas nuvens de chumbo que anunciam a chegada da senhora dos raios, que no meu imaginário tanto pode ser *iansã*, quanto *Maria Bethânia*.

- Água!

- Minibios -

Acácio Sobral

Artista multimídia e pós-graduado em História da Arte pela UNAMA. Participou de diversas exposições, como: Contigüidades: dos anos 1970 aos anos 2000, MHEP, Belém-PA 2008; Art in Paradise, Washington, USA, 1992; Bienal da Amazônia de Artes Visuais, 1972; Pré-Bienal de São Paulo, 1970.

Afonso Gallindo

Jornalista, publicitário, diretor e coordenador de produção audiovisual, produtor cultural, produtor de conteúdo para mídias digitais. Militante cultural audiovisual estadual, regional e nacional, contribuindo na reflexão sobre as diferenças e especificidades existentes na produção audiovisual brasileira e paraense.

Alberto Bitar

Participou, dentre outros, do Antartica Artes com a Folha, Rumos Artes Visuais/2009, 32º Panorama da Arte Brasileira, 30ª Bienal Internacional de São Paulo e 10ª Bienal do Mercosul. Tem obras em acervos como o da Coleção Pirelli/MASP, MAC/USP, MAC/RS, MAM/SP e MAR.

Allyster Fagundes

Artista visual da Amazônia Paraense. Sou doutorando em Artes pela UFPA, jornalista, fotógrafo, performer e criador audiovisual. Desenvolvo experimentações em vídeo, esculturas em látex e investigo a arte Drag. Atualmente me dedico também aos estudos sobre figurino cênico.

Ana Flávia Mendes e Cia. Moderno de Dança

Artista-professora-pesquisadora com pós-doutorado, doutorado e mestrado em Artes Cênicas. É professora efetiva da UFPA (ICA/ETDUFPA/PPGARTES). Coordena o Grupo de pesquisa Corpo Cênico. Dirigiu 10 espetáculos, 2 documentários média metragem, 2 vídeodanças solo. Coreógrafa premiada pela FUNARTE, FCP e UFPA.

Ana Mendes

Artista, documentarista e mestre em ciências sociais. É fotojornalista multimídia para a mídia independente brasileira e colabora com organizações indígenas e indigenistas no Brasil. Seu trabalho compõe os acervos do Conselho Indigenista Missionário, Instituto Socioambiental, Museu do Estado do Pará e Biblioteca Nacional da França.

Armando Queiroz

Nasceu em Belém do Pará em 1968. É artista visual, curador e técnico em museu. Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa CAPES.

Breno Filo

Artista, designer e educador. É mestre em Artes Visuais. Integra o quadro docente da EA|UFPA, o coletivo Brutus desenhadores e o Mundyca | Lab em Rede, onde realiza poéticas e cartografias experimentais em torno do desenho e da coletividade.

Cláudia Leão

Fotógrafa, professora dos cursos de Artes Visuais/FAV/PARFOR/PPGARTES/UFPA. Pós-Doutora em Antropologia pela UFPA. Vive entre Belém e a correnteza dos rios. Coordena o Lab AMPE, co-coordena a Sala AL Táta Kinamboji de Ensino, Arte e Cultura Afro-Amazônica, e o GEZA, e colabora na articulação e realização de ações junto com os povos tradicionais na/da Amazônia Paraense.

Coletivo Madeirista

Grupo multidisciplinar de artistas com trabalhos nas áreas de literatura, net art, poesia visual, fotografia, performance, intervenções urbanas, site specific e videoarte. Todos os artistas são radicados em Porto Velho, Rondônia, Sul da Amazônia, Brasil.

Danielle Fonseca

Belém/PA. Artista Visual e Escritora; sua poética é composta a partir de elementos da literatura, poesia, filosofia, de música e da paisagem. Participa de exposições, projetos artísticos e literários.

Danilo Baraúna

Artista Visual, professor, pesquisador e curador independente. Doutor em Belas Artes pela Glasgow School of Art (Reunido Unido) com bolsa CAPES. Interesses de pesquisa nos campos do audiovisual experimental, estudos queer, e teorias do afeto. Pesquisador CAPES de pós-doutorado no PPGARTES-UFPA.

Denio Maués

Livro infantojuvenil “Coisas de gente viva” (Editora Da Ponte), selecionado pelo MEC para o ensino médio (2023); Roteiro do longametragem “Laura”, edital de Desenvolvimento de Roteiro/Ancine (2018); Dramaturgia final da peça “Ingratidão” (direção: Cacá Carvalho/2013); Residência artística no Teatro Académico Gil Vicente, em Coimbra, Portugal (2012), projeto contemplado pelo MinC.

Flavya Mutran

Flavya Mutran é paraense, artista visual e docente do Instituto de Artes da UFRGS, nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais. Atualmente pesquisa Processos alternativos para o ensino e pesquisa da área da Fotografia e da Gravura.

Grupo Urucum

Fundado com o nome CONART (consciência artística) no ano de 1996 por Agostinho Josaphat, Nonato Reis e José Ribas. Também passaram pelo grupo Lethy Caldas, Djalma Santos, Aog Rocha, Rômulo Araújo, Arthur Leandro, Ronaldo Rony e Patrícia Andrade.

Henrique Montagne

Henrique é um artista visual transdisciplinar, traz em sua pesquisa poética o mundo das vivências e experiências dos corpos masculinos Queer no Brasil e na contemporaneidade. Participou de exposições no Brasil, Estados Unidos e Grécia.

Jorane Castro

Formou-se em Cinema pela Universidade de Paris 8 (França) e estudou Roteiro e Direção de Elenco, na EICTV (Cuba). Atua como professora do Bacharelado de Cinema e Audiovisual, na UFFA. Atualmente cursa Doutorado em Arte Contemporânea, no Colégio das Artes, na Universidade de Coimbra (Portugal).

Juliana Notari

Artista e pesquisadora, doutora e mestre em Artes Visuais pela UERJ, com mais de 20 anos de trajetória artística. Explora múltiplas linguagens numa abordagem multidisciplinar, tendo o corpo como principal território de expressão.

Juliano Bentes (SKYYSSIME)

Doutorando em Artes pela UFFa. Tem vasta experiência na área de Cenografia, Direção de Arte e Maquiagem Artística. Autor do livro “EKOAOVERÁ: Um Estudo Sobre a Territorialidade no Processo Identitário das Drags Demônias” de 2020.

Keyla Sobral

Natural de Belém (PA), Keyla Sobral é artista visual e escritora. Trabalha com várias multilinguagens, participa de exposições no Brasil e exterior, sua poética faz relação entre a literatura e as artes visuais.

Luciana Magno

Trabalha com performance, frequentemente direcionada para fotografia e vídeo. A integração do corpo à paisagem e ao entorno é um elemento determinante e recorrente em suas obras.

Maria Christina

Artista visual, gestora e produtora cultural, mestranda pelo PPGArtes/UFFA, especialista em comunicação científica da Amazônia pelo NAEA/UFFA, e pesquisadora independente. Atua na cena cultural local, nos campos da pesquisa visual e produção.

Mariano Klautau Filho

Artista, pesquisador em arte e fotografia e curador independente. Doutor em Artes Visuais pela ECA/USP e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professor na UNAMA, Belém. Possui obras nos acervos do MAM de São Paulo, Coleção Pirelli/MASP – SP, MAR – RJ, Casa Niemeyer – Brasília – DF entre outros.

Marise Maués

É natural de Abaetetuba/Pa. Reside em Belém/Pa. É mestra em Artes visuais. Desenvolve projetos artísticos tendo como linguagem a performance e a fotografia, com ênfase na criação de narrativas visuais e ações performáticas em consonância com arte contemporânea.

Maurício Igor

Artista multidisciplinar, é licenciado em Artes Visuais pela UFPA, mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pela UDESC. Suas pesquisas envolvem racialidade, gênero, sexualidade, descolonização e o cotidiano na região amazônica.

Nay Jinknss

Nay Jinknss (1990), feminista negra e sapatão. É artista e pesquisadora. Seu trabalho propõe narrativas contra coloniais para repensarmos raça, gênero, sexualidades e outras diversidades excluídas da iconografia brasileira.

Orlando Maneschy

Artista, professor-pesquisador e curador. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor da UFPA e curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Seus focos de interesse são a arte brasileira, museologia e o Queer na arte.

Paula Sampaio

Fotógrafa. Desenvolve projetos de documentação fotográfica sobre o cotidiano de trabalhadores, em sua maioria migrantes, que vivem nas margens de grandes projetos de exploração e em estradas na Amazônia.

Paulo Meira

Artista pesquisador, nasceu na cidade de Arcoverde, Pernambuco. Graduado em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Pará, 2021. Em suas práticas artísticas se utiliza de diversos meios e linguagens como: vídeo, performance, pintura, escultura, instalações, rádio, textos.

Rafael Bqueer

Rafael Bqueer (Belém/PA,1992). Tem formação pelo curso de Artes Visuais da UFPA. Trabalha com múltiplas plataformas como fotografia, cinema e performance. Já participou de diversas exposições e residências artísticas nacionais e internacionais.

Rafael Matheus Moreira

Artista visual com foco maior na pintura e na sua expansão. Desenvolve trabalhos artísticos a partir da reimaginação de contextos históricos e imagéticos em confronto com sua perspectiva de travesti na Amazônia urbana de Belém.

Roberta Carvalho

Artista visual paraense, multimídia e diretora artística. Desenvolve trabalhos envolvendo linguagens visuais, tecnológicas e questões sobre o território amazônico, transitando entre suportes como vídeo, intervenção urbana, projeção, realidades mistas, instalação e projetos interativos. É criadora do Festival Amazônia Mapping, um projeto pioneiro de arte e tecnologia no Brasil.

Roberto Evangelista

Graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Foi um celebrado artista no campo do cinema experimental e da videoarte, participou de inúmeras mostras nacionais e internacionais e foi premiado em diversos salões.

Tarcísio Gabriel

Ou Gabriel Tantacoisa. É artista visual, artista da cena, encenador e cineasta original de Belém do Pará. Atualmente trabalha com fotografia, produção e pós-produção audiovisual.

Toni Soares

Um incansável pesquisador de timbres, assim Toni Soares define sua personalidade musical, inspirada em folias, ladainhas, batuques de boi-bumbá e cordões de pássaros – tudo isso somado ao retumbão da Marujada de São Benedito, da sua Bragança natal, no nordeste paraense.

Val Sampaio

Artista visual, atua com mídias diversas: arte mídia, videoarte, fotografia, instalações, intervenções e ações. Pertence a geração que produziu videoarte nos anos 90. Pesquisadora, produtora e curadora independente, atuando com: cultura visual, imagem e arte e tecnologias.

Victor De La Rocque

Artista multimídia, estudou música erudita no conservatório Carlos Gomes, Artes Cênicas na UFPA, graduação e licenciatura em Artes Visuais pela UNAMA, mestrando em artes na UNESP. Desde 2007, participa de exposições, festivais e residências artísticas no Brasil e exterior.

- Foreword -

The audiovisual production from Pará (Brazil) points towards an expanded horizon where it is possible to identify the creative process, expression, identity, the building of affective coalitions, and a sense of belonging to this place as largely connected to the dynamics of living in the Amazon. The creator's gaze is amplified when facing this territory full of possibilities, physical, geographical, or subjective, which delimitates how fruitful and diverse this region and its artists are.

The project 'Underwater we float amongst the moss: artists' moving image from the Brazilian Amazon', awarded with the Mergulho FCP 2023 Grant, is composed of artworks selected from the Amazoniana Collection of Art of the Universidade Federal do Pará (UFPA), in research belonging to the Amazoniana]Archive[, as well as other artists especially invited for these series of moving image screenings. This project invites us to enter a creative environment that speaks our language, and all its accents, with tenderness and truth. However, it is also a denunciation of social abuses, inviting us to reflect upon our role in a world in crisis, in which art is one of the main possibilities to point towards a restorative and revitalising movement.

The arts speak, and they are heard. This is only possible due to the combative, tireless, and affectionate activism of artists who speak out through affect and social justice, such as Afonso Gallindo (1969–2023), whose work in the field of moving images opened up spaces and facilitated the consolidation of this field in the Amazon. This project is also dedicated to his memory and activism.

Maria Christina

If my body moves ...

My skin stretches, and my muscles contract as though deflecting the liquid that conforms to this movement. We are survivors. This project approaches survival, life experiences, and resistance. It was developed through the experience of living in the Brazilian Amazon as a moving force for the creation of affective communities. Far from a romantic ideation of precarity states, to survive here is the result of being affected by something, and to affect the one who lives by my side. It is an act of resistance to the traumas and turmoil that compose this territory formed by a vast biodiversity that devours the human experience, while it is constantly threatened by part of this human presence. To resist, we take a deep dive and resurface amongst the moss. From the surface to the deepness, an existence that is strange, humid, slippery, and permeates the fluidity of nature becomes a surviving device. To dive requires our body to adapt rapidly if we aim to reach a state of resistance inside and on the surface of the water. For that, in this programme, we present three screenings of moving image art in which methods of survival and resistance are incorporated into the Amazonian territory to discuss three main concepts: flux, affect, and memory. This project comprises works created between 1978 and 2022 by artists from the state of Pará (Brazilian Amazon) or artists from other regions who work in the Amazon, specially invited for screenings or works from the]Archive[of the Amazoniana Collection of Art from the Federal University of Pará.

The first programme, titled 'Flux', presents the body as an element that extends itself into the environment through its own materiality, in performances for the camera or traces of what hides behind the camera, in the works of Allyster Fagundes, Breno Filo, Cláudia Leão, Coletivo Madeirista, Danielle Fonseca, Juliana Notari, Luciana Magno, Paula Sampaio, Paulo Meira, Roberta Carvalho, and Roberto Evangelista. The landscape becomes the fluidity of the boat that moves along the river, a body that dives into the water, resurfaces, or challenges the movements of the waves to tell its history. Through gender, this body becomes fluidity, just as water becomes the metaphor for denouncing the destruction of landscapes and local populations.

In 'Affect', the second programme, the moving images create affective intimacies between body and environment through autobiographical explorations, as well as histories of mysticism, love, and identity, as in the works of Allyster Fagundes, Ana Flávia Mendes and the Moderno Dance Company, Armando Queiroz, Danilo Baraúna, Denio Maués, Henrique Montagne, Jorane Castro, Juliano Bentes (SKYYSSIME), Maria Christina, Marise Maués, Rafael Bqueer, Rafael Matheus Moreira, Nay Jinknss, Orlando Maneschy, Tarcísio Ganriel, Toni Soares, and Victor De La Rocque. In this context, mystical characters such as the mermaid emerge as the possibility to approach gender and sexual fluidness, love conflicts, and LGBTQIAPN+ identities; affect evolves in the possibility of life and death of a body, as much as in the imagination of affective territories in the Amazon. Conversely, these works also approach affect as a negative force that reveals life's hardships in the contamination between the body and the non-human through the undesirable practices of nature.

The third programme, titled 'Memory', compiles discussions around the urban Amazon, and memories of places that are intertwined with life histories, criticisms of colonial heritages, and the recovery of collective memories, such as in the works of Acácio Sobral, Afonso Galindo, Alberto Bitar, Ana Mendes, Daniele Fonseca, Flavya Mutran, Grupo Urucum, Keyla Sobral, Maria Christina, Mariano Klautau Filho, Maurício Igor, Nay Jinknss, Roberta Carvalho, and Val Sampaio. Memory and affection converge to approach what was left behind in history, either in micro-political contexts such as the family, or in the collective imagination around the Amazon, including the architectural history of cities such as Belém. This memory also emerges through the expanded temporality in the act of waiting, in the recovery of places of belonging that become unfamiliar territorialities, and in intergenerational narratives that blur the limits between bodies and the city. Flux, affect, and memory converge in the artists' moving images from the Brazilian Amazon to expand the limits between media and comprehend this territory through life experiences, histories, and creative intensities.

Danilo Baraúna
Orlando Maneschy

My Journey towards EuDrag

- Allyster Fagundes -

Using an autobiographical approach, I have written about my journey in the arts through my practice-based research developed at the university. This journey has unfolded into intense artistic experimentation with different languages, media, materials, and methods.

In conversation with studies from Jung's analytical psychology and the concept of the persona, I dived into my own universe, searching for answers that could help me to comprehend the side of myself that embraces femininity. The concept of EuDrag emerges as an element that shapes my personality as an individual and that can be expressed artistically. This is the self that can only be accessed through artifices and artefacts, concepts elaborated by Vilém Flusser in his lecture "The human being as an artifice".

This process does not relate to the creation of a character or another 'self' who intends to impersonate the existence of feelings through sensations in their aesthetic and performative actions. Instead, they liberate a femininity that was once in the shadows in each of the oppressive acts that my body lived as an effeminate child. Everything I have tried to hide from the world for a long time became the affective movement that fostered the emergence of an art practice with a collective dimension.

Mermaidism is a concept that infuses my creative process, resulting in the exhibition "Revérbero", composed of five experimental videos, a series of photography, antique objects, and a sculpture made of Latex. In this exhibition, the mermaid myth is a metaphor for discussing gender and fluidity through the art of drag. Just as mermaids belong to the water and the earth, the drag artist is capable of moving across the feminine and the masculine through body performativity.

MANIFEST

From the sea towards the river: genesis of Brazilian photography

- Nay Jinkns -

When we approach the genesis of Brazilian photography,
How it emerges and its intentions in portraying Brazil, we find the
foreigner's gaze.

A gaze whitened to trade an image;
One of a civilised country or the occupied Amazon.

This photograph was sold as a *carte de visite*.

Objectified, hypersexualised and criminalised black bodies up until the
present day – bodies like mine.

Black bodies and indigenous bodies are in the margins.

I claim and repeat:

A photograph is not worth a thousand words

A photograph needs to be – IDENTIFIED!

Photography as an imperialist method reinforces a one-sided history,

A racist aesthetics, filled with privileges and the perpetuation of power.

Therefore, the other needs to be documented as someone for whom we
nurture love

With affection and dignity, not simply in the name of “art”.

To consider a communal photography is to permit the other,

Who has always been in front of the camera as a – target,

To express themselves, so they are not excluded

From history.

Water! Water!

- Danielle Fonseca -

— Water, screamed João Donato, between one and another note of his piano, and throughout his concerts. Water! He told me once that now everyone who passes by in front of his house screams “Water,” as a wake-up call to catch my attention. – I find it delightful! João is a singer and composer born in Acre, the Brazilian Amazon. Pioneer of the bossa nova, he used to say that no one could live without music and water. Who am I to contradict him? I have accepted this flux in my work since the very beginning of my research on video art. A childhood memory that is entwined with a song, a whistle, and a common place.

Nossos passos fazem jorrar a sede (Our steps overflow with thirst) is an excerpt of a poem by Edmon Jabés, translated by Max Martins. Jabés was born in 1912 in Cairo, Egypt, and was exiled to France in 1957; however, his references to the desert and his thirst to explore life and its roots are to be found in several of his poems. “Always, simply water. Always water over water. Abundance – The desert was my soil. The desert is my itinerary, my errancy... Our steps overflow with thirst. Absence. – Lake water? River water? Seawater?” The video art in which I carry a mailbox engraved with the words Word and Water is my letter to Jabés, a parched dialogue to explore the exchanges between literature and art, and the conviction that the desert poet would highly appreciate the poems of Alberto Pucheu.

[Straight cut – Next video]

É preciso aprender a ficar submerso (One must learn to remain underwater) became a poem mantra for me, such a surprise that maybe I will never be able to explain the two minutes and forty-three seconds that the video lasts. This work is an excerpt from the medium-length film *A Vaga* (2010). However, poetry sometimes exposes its own desires, and the child-becoming in this video is a playful child who only leaves the water when his fingers are wrinkled and waterlogged, even if he needs to get punched by the water, get exhausted, and have his lungs filled with water. Pucheu once told me that this video overpowered his poem, resulting in a change of the title, which once was “The day in which Gottfried Been was surfing”. I even mentally apologised to the German poet who named the original poem, “My bad Gottfried, the water is the winner, and you know, you cannot fight the water, you need to float”. To learn to stay underwater is about surfing, and it is also about art, philosophy, and life.

In 2022, Alberto Pucheu and Tarso de Melo released the book *Um mergulho e seu avesso*, consisting of an essay and two poems, “One must learn to remain underwater” and “The time has come to return to the surface”, a poem that brings us back: despite the lungs filled with water, the exploded veins, it is time to return to breathing, to feel a certain relief, and maybe even some hope. However, never without water. ‘Bring me a glass of water, I am thirsty,’ sings Gilberto Gil, and this is so serious that a smile cannot be part of the song.

[Straight cut – unexpected lightning, maybe a lightning strike before the rain, which is also water]

(Pause to breathe)

2022 was the centenary anniversary of Modern Art Week, held in São Paulo in 1922. I was invited by curator Raphael Fonseca to make a film about the architectural style called *Raio-que-o-parta*, a popular architectural feature that emerged in the state of Pará (Brazil) in the 1950s and 1960s, in which colourful tile shards became part of the façade and parapets of houses in Pará, especially in the capital city Belém. Beyond the houses and their inhabitants, the film also portrays what lies behind the lightning strikes, the shrines of African heritage. This documentary was commissioned to be screened during the exhibition *Raio-que-o-parta: fictions of modernism in Brazil*, which reflected upon the concept of ‘modern art’ in Brazil as part of a context that spread beyond the 1920s and challenges the leading role of São Paulo in the history of Brazilian art. Where is the water, though? In the clouds that announce the arrival of the queen of lightning, who in my mind can be either *lansã* or *Maria Bethânia*.

— Water!

Este projeto foi contemplado com o **PRÊMIO MERGULHO FCP 2023: EDITAL DE AUDIOVISUAL COM OCUPAÇÃO DA CASA DAS ARTES**, da Fundação Cultural do Estado do Pará. Realizado no Museu da Imagem e do Som do Pará nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2023.

- FICHA TÉCNICA -

GOVERNO DO ESTADO DO
PARÁ

Governador

Helder Zahluth Barbalho

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ

Presidente

Thiago Farias Miranda

DIRETORIA DE ARTES

Diretora

Lana Machado

Realização | Organised by

Governo do Estado do Pará

Fundação Cultural do Estado do
Pará

Prêmio Mergulho FCP 2023:
Edital de Audiovisual com
ocupação da Casa das Artes

Apoio | Supported by

Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior

Programa de Pós-graduação em
Artes da Universidade Federal do
Pará

Galeria de Arte da UFPA

Museu da Imagem e do Som do
Pará

Secretaria de Cultura do Pará

Grupo de Pesquisa Bordas
Diluídas: questões de
espacialidade e visualidade na
arte contemporânea (CNPq/
UFPA)

Coleção Amazoniana de Arte da
Universidade Federal do Pará

Artistas | Artists

Acácio Sobral

Afonso Gallindo

Alberto Bitar

Allyster Fagundes

Ana Flávia Mendes e Cia.

Moderno de Dança

Ana Mendes

Armando Queiroz

Breno Filo

Cláudia Leão

Coletivo Madeirista

Danielle Fonseca

Danilo Baraúna

Denio Maués

Flavya Mutran

Grupo Urucum

Henrique Montagne

Jorane Castro

Juliana Notari

Juliano Bentes

Keyla Sobral
Luciana Magno
Maria Christina
Mariano Klautau Filho
Marise Maués
Maurício Igor
Nay Jinkns
Orlando Maneschy
Paula Sampaio
Paulo Meira
Rafael Bqueer
Rafael Matheus Moreira
Roberta Carvalho
Roberto Evangelista
Tarcísio Gabriel
Toni Soares
Val Sampaio
Victor De La Rocque

Idealização | Project Conception

Danilo Baraúna

Curadoria | Curated by

Danilo Baraúna
Orlando Maneschy

Produção | Cultural Producer

Maria Christina

Projeto Gráfico | Graphic Design

Hosana Celeste Oliveira

Consultoria de Museologia | Museological consultancy

Paola Maués

Edição audiovisual | Audiovisual editing

Emerson Ruan

Organização do catálogo | Catalogue edited by

Danilo Baraúna
Orlando Maneschy
Maria Christina

Design do catálogo | Catalogue designed by

Hosana Celeste Oliveira

Intérprete de Libras | Libras translators

Carolene Fernandes
Jailson da Silva

Agradecimentos | Acknowledgments

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste projeto: artistas, realizadores, produtores e familiares. Destacamos o suporte institucional de Alexandre Sequeira, Denis Bezerra, Felipe Pamplona, Indaiá Freire, Larissa Silva, Melissa Barbery, Moyses Cavalcante e Ursula Vidal, bem como da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA que disponibilizou o seu acervo.

Apoio



Coleção de Arte da Universidade Federal do Pará

**BORDAS
DILUÍDAS**
CNPq - UFPA



Museu da Imagem e do Som do Pará

SECRETARIA DE
CULTURA



GALERIA
DE ARTE
DA UFPA



Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA



CAPES

Realização



PRÊMIO
MERQUULHO
FOMENTO, DIFUSÃO E
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
Edital de Audiovisual com ocupação da Casa das Artes



FUNDAÇÃO
CULTURAL DO
ESTADO DO
PARÁ



GOVERNO DO
PARÁ

ISBN 978-65-88455-68-5